

A APRENDIZAGEM DO PROCESSO COMO UMA TÉCNICA DE REGISTRO DA INFORMAÇÃO VIVA EM PESQUISA DE ARTESANATO

ZAIDA MARIA COSTA CAVALCANTI

Prof. Adjunto do Dep. de Letras e Ciências Humanas da
UFRPE. Pesquisador Associado da Fundação Joaquim Nabuco.

Um dos objetivos do Projeto Tamandaré desenvolvido, por um grupo de professores e alunos do Departamento de Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural de Pernambuco, em uma comunidade praieira do litoral sul de Pernambuco, era encorajar a renovação metodológica das pesquisas daquele departamento, através do uso experimental de novos procedimentos de coleta e registro de dados. O texto a seguir relata em detalhe um desses procedimentos e analisa os resultados obtidos através do mesmo.

De um modo geral, nas comunicações científicas da área das Ciências Sociais, há uma desproporção entre a ênfase que se põe na definição do problema e na apresentação dos resultados e a que se dá ao processo de pesquisas.

Observa-se uma tendência dominante para discutir o problema e os resultados e *descrever* o processo, quase sempre de uma maneira bastante sucinta.

Não se encontra na literatura das Ciências Sociais, nem nas comunicações apresentadas em eventos científicos, reflexões sistemáticas sobre as técnicas e o instrumental em uso na pesquisa social, em termos dos pressupostos que determinaram a sua escolha, nem das possíveis conseqüências do seu uso.

Esse problema refere-se ao emprego das novas tecnologias que se foram tornando disponíveis (gravação sonora, fotografia, cinema e video tape) e sendo incorporadas ao acervo ins-

trumental da pesquisa social, sem que se venha fazendo uma análise sistemática do seu efeito enquanto variáveis do processo. Mas, refere-se também às alternativas metodológicas que se vão tornando cada vez mais aceitas na comunidade científica e são indicadas nos relatos de pesquisa sob denominações gerais, como sejam “pesquisa participativa” e “pesquisa ação”, método eclético, etc.

Entendemos que o desenvolvimento do conhecimento decorre não apenas de resultados de pesquisa, mas, sobretudo, do desenvolvimento dos processos de aquisição de conhecimento. Daí a necessidade, que estamos enfatizando, de uma certa problematização e teorização do processo de cada pesquisa específica, como uma condição para que se respondam a indagações, tais como: a) qual a relação entre a técnica escolhida (e o respectivo instrumental) e o objeto a conhecer?; b) qual o efeito presumível do seu uso sobre a qualidade dos dados que serão obtidos?; c) qual o efeito esperado e o ocorrido sobre o desempenho do informante?; d) que tipo de relação se previa e como ocorreu o seu desenvolvimento, entre o pesquisador e o informante?

Acreditamos que a análise sistemática das variáveis do processo e das relações que as mesmas guardam entre si enriqueceria de muito os resultados de pesquisa, além de, possivelmente vir a afetar certos conceitos que se tornaram chavões no ensino de pesquisa.¹

Este texto é uma tentativa de ilustrar a proposta de análise acima enunciada com o exemplo concreto de uma pesquisa sobre a produção de renda, em que as técnicas convencionais foram substituídas por um processo de coleta e análise, definido pela equipe da referida pesquisa como “Aprendizagem do Processo como uma Técnica de Registro da Informação Viva”.

O CONTEXTO DA PESQUISA

Em janeiro de 1981, uma equipe de professores do Departamento de Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural de Pernambuco, juntamente com um grupo de alunos do

¹ Afirma-se categoricamente, por exemplo que a escolha do método depende intrinsecamente do problema de pesquisa. Entendemos que a tríade: objeto a conhecer/pesquisador/informante é indivisível e que, como um todo, determina o método e afeta os resultados.

Curso de Economia Doméstica, da mesma Universidade, iniciaram um projeto de Desenvolvimento Cultural, no Distrito de Tamandaré, do Município de Rio Formoso, em Pernambuco.

A área do referido abrange uma das mais belas praias do litoral sul do Estado e conta com, entre outras atrações turísticas, uma fortaleza do tempo dos holandeses, relativamente conservada, onde o projeto pretendia, a médio prazo, instalar um Núcleo de Cultura Praieira, com um pequeno museu e espaço para manifestações culturais, inclusive artesanato. Pretendia-se oferecer ali instalações adequadas para a produção e para a comercialização de produtos.

Apesar de estar a uma distância de mais de 100 km da capital, Tamandaré vem recebendo nos últimos anos, vários impactos sobre as tradições e o cotidiano de sua comunidade nativa.

O crescente afluxo de veranistas e de turistas acarretou a valorização rápida do solo urbano local e a conseqüente especulação imobiliária. Glebas antes cobertas por coqueiros foram loteadas e vendidas, provocando o deslocamento da população praieira para áreas, algumas muito insalubres, a grande distância da praia, desagregando grupos de vizinhança e provocando o enfavelamento de uma parcela significativa da antiga população praieira.

Em poucos anos aumentou de muito a população fixa e a flutuante de Tamandaré, que chega a triplicar nos períodos de veraneio.

Surgiu, então, ali, um mercado de trabalho, atrativo para a população, mas totalmente dissociado das tradições ocupacionais locais. Os homens, sobretudo os jovens, passaram a trabalhar na construção civil; os mais velhos, na vigilância das mansões que iam surgindo e na conservação dos equipamentos náuticos dos veranistas. Para as mulheres, o emprego doméstico passou a representar a vantagem do salário, ao invés dos ganhos eventuais, e o atrativo de ser o caminho para a cidade grande, como conseqüência do emprego obtido durante o verão, nas residências de veranistas.

A população flutuante que ocupa a praia durante o verão vem se somando o contingente representado pela população ruralcola, que chega à sede do distrito tangida dos latifúndios pelas

modificações nas relações de trabalho na agroindústria canavieira, trazendo hábitos e tradições diferentes e competindo por espaço, tanto na favela quanto no mercado de trabalho local.

Por outro lado, o aumento considerável da Receita Municipal e a afiliação política dos Prefeitos mais recentes criaram condições para que o distrito fosse dotado dos serviços urbanos essenciais, sobretudo de eletrificação, provocando crescentes modificações nos hábitos de vida e de lazer da população local.

O trabalho da equipe da Universidade Federal Rural de Pernambuco iniciou-se com um inventário cultural em que se procurou identificar as manifestações culturais ainda existentes e as condições para revitalizá-las.

Desde o início do inventário cultural verificou-se que, tanto as atividades tradicionais de lazer, como as destinadas à obtenção de remuneração estavam em vias de extinção e que não sobreviveram durante muito tempo se não houvesse uma ação de apoio e de valorização.

Dai, empenhar-se a equipe em uma série de projetos menores voltados para aspectos específicos do desenvolvimento cultural que se previu para Tamandaré. A revitalização da produção de renda foi um desses projetos.

Haviam sido identificados dois tipos de renda produzidas em Tamandaré, a renda de almofada e a singeleza.

RENDAS E RENDEIRAS COMO OBJETO DE PESQUISA

Antes de iniciar o trabalho com as rendeiras locais, a equipe empreendeu extensa pesquisa bibliográfica sobre o tema **RENDAS** e **RENDEIRAS**, a fim de verificar as várias abordagens do problema e coletar dados que pudessem vir a subsidiar o trabalho de revitalização da produção de rendas que se tinha em mira no Projeto Tamandaré.

Verificou-se a existência de abundante bibliografia, composta sobretudo de artigos e textos curtos em que se destacam temas referentes à origem geográfica dos vários tipos de renda e sua introdução no Brasil como em RAMOS (1948), GUIMARÃES (1957), OITICICA (1966 e 1974); questões de classificação e de nomenclatura, em GIRÃO (1963b); aspectos regionais das rendas e das rendeiras, em BONATELLI (1956), FONTENELLE (1959/

60), OITICICA (1966 e 1974), GIRÃO (1963a), DIEGUES JUNIOR (1967), ARAÚJO (1969), MENDONÇA (1971), PEREIRA (1975); a renda no folclore, em CAMPOFIORITO (1963), SOUZA (1963) e CAMPOS (1976); aspectos sócio-econômicos da vida e atividade das rendeiras, em RIOS (s.d.), SOARES (1975/78), FONTENELLE (1959/60), OLIVEIRA (1962/63), CASTRO (1963) e MENDONÇA (1971).

Em alguns dos trabalhos mencionados, a fotografia e o desenho transmitem ao leitor uma imagem, por vezes muito rica em detalhes, da renda, das almofadas, dos bilros e das mãos que trabalham. Os outros enfatizam a agilidade das rendeiras no trocar dos bilros e na movimentação dos alfinetes sobre o cartão. Em nenhum, porém se responde à pergunta: "Como se faz renda de almofada?"

Em referência à renda singeleza, a bibliografia é praticamente inexistente, consta apenas um trabalho de BENJAMIN & CAVALCANTI (1985) em que, além da nota descritiva, os autores mencionam alguns dados do processo de execução da referida renda.

A pergunta "Como se faz renda de almofada?" era, para a equipe, a pergunta crucial, para que se pudessem analisar todos os aspectos da hipótese de revitalização da produção de renda em Tamandaré.

RENDAS E RENDEIRAS EM TAMANDARÉ

Ao iniciar o inventário cultural, os pesquisadores percorreram as ruas da área urbana do distrito de Tamandaré, procurando identificar os artesãos e, também, o status de cada um perante a comunidade. Ou seja, fazia-se uma adaptação grosseira da técnica de sociograma, com o objetivo de já ir obtendo subsídios para um futuro trabalho comunitário.

Identificamos, então, várias rendeiras. Declararam todas que já haviam parado de produzir rendas, fosse porque "o ganho não compensava" ou, fosse porque "a vista não dava mais". De todas, tivemos a indicação de D. Joana e de D. Antônia, como as melhores rendeiras da comunidade.

Os sucessivos contatos com as rendeiras nos levaram a constatar que: a) as rendeiras que tiveram na produção de renda a sua principal fonte de renda estavam em fase terminal; b) não estava havendo qualquer forma de transmissão intergeracional

da atividade, as rendeiras haviam ensinado o ofício às suas filhas, mas estas, nem produziam rendas, nem ensinavam o processo às próprias filhas; c) não havia, a curto prazo, qualquer possibilidade de revitalizar a atividade porque a visão que as gerações mais jovens e, mesmo de idade intermediária, tinham da produção de renda de almofada havia sido substancialmente afetada pela acelerada modernização imposta à comunidade pelas circunstâncias que envolveram o distrito nos anos mais recentes. A produção de renda passou a ser considerada como “coisa de velha” e o uso de renda em peças de vestuário passou a ser vista como sinal de “matutice”; d) a produção de renda havia se tornado economicamente inviável, pelo menos nas condições de produção e comercialização vigentes em Tamandaré, onde a renda estava sendo vendida por preços irrisórios, a compradores eventuais.

BUSCANDO UMA RELAÇÃO SIGNIFICATIVA ENTRE A TÉCNICA DE PESQUISA E O OBJETO A CONHECER

Tratava-se, em primeiro lugar, de definir o objeto a conhecer, de maneira bastante precisa, já que o que se pretendia não era obter informações, quaisquer, sobre rendas e rendeiras, mas, sim, informações que subsidiassem o planejamento de ações destinadas a revitalizar a produção de renda em Tamandaré

Revitalizar significava, para a equipe, reintroduzir a atividade no repertório cultural da comunidade.

Para revitalizar a produção da renda, portanto, seria necessário obter informações referentes ao significado cultural da produção de renda na comunidade. Por exemplo, ouvíamos de todas as rendeiras referência ao orgulho que sentiram diante do primeiro metro de renda *cu-de-pinto*³ que haviam produzido, ou da primeira peça de roupa enfeitada com rendas que fizeram com as próprias mãos, ou, ainda, o que fizeram com o dinheiro da primeira renda que venderam. Havíamos ouvido das rendeiras narrativas muito semelhantes sobre o “banquinho”, a “almofadinha” e a meia dúzia de bilros de macaíba que serviram para o aprendizado da renda, ao lado da mãe, ou da avó, que estavam bilros na sua própria almofada, e, de vez em quando, davam um *cocorote* na menina que, distraída, embaraçava a linha...

³ Esse é o tipo de renda confeccionada da maneira mais elementar. É o primeiro tipo de renda ensinada às crianças.

Em cada uma havia o orgulho de saber fazer renda e do reconhecimento da qualidade do seu trabalho pelos que o compravam.

Evidentemente não se esperava revitalizar as motivações das rendeiras da geração antiga, mas haveria que se apoiar nelas para despertar o interesse dos mais jovens pelas tradições da comunidade e ajudá-los a construir a sua própria mística de valorização da cultura de sua gente.

Do mesmo modo que se fazia necessário abordar aspectos culturais da renda e das rendeiras, era necessário obter informações precisas sobre a própria atividade de produzir rendas. No caso da renda de almofada, tais informações deveriam ir desde a confecção da almofada, até o manejo dos bilros e dos alfinetes, passando pelo fabrico dos bilros, vantagens e desvantagens de cada tipo, aquisição de linha e enchimento dos bilros, o uso das mãos e do instrumental para a produção da renda.

Discutindo a relação entre a técnica — e o respectivo instrumental — e o objeto a conhecer, a equipe constatou que a técnica da entrevista asseguraria uma razoável abordagem da dimensão cultural da vida e atividade das rendeiras, mas que não respondia a toda a outra ordem de questões que se consideravam imprescindíveis para o diagnóstico da viabilidade de reinserção da renda de almofada no repertório da comunidade, como fonte de ganho, no atual contexto sócio-econômico do distrito.

Constatada a impossibilidade atual de transmissão intergeracional do processo de confecção da renda, ficava a questão: Como fazer o processo da renda de almofada chegar às gerações jovens e assumir uma função no seu repertório comportamental e no repertório cultural da comunidade? Sobretudo, levando-se em conta que as rendeiras mais competentes estavam em fase terminal, tanto em termos de idade, como em termos de saúde.

Obter a descrição do processo de confecção da renda de almofada através de entrevista seria inteiramente imoraticável, tanto do ponto de vista das pesquisadoras, como das informantes. Para as pesquisadoras seria impossível decodificar o processo ao ponto de poder ordená-lo para efeito de obtenção de informações pertinentes a cada segmento específico do trabalho. Para as informantes, as rendeiras, não seria mais fácil; como exigir que velhinhas de mais de 70 anos, analfabetas, a abstração necessária para descrever as suas atividades na linha de um fluxograma?

Constatou-se que, do mesmo modo que a entrevista não seria o meio adequado, a observação também não apresentava

uma relação significativa com o objeto a conhecer, tendo em vista ser humanamente impossível observar de forma analítica os movimentos coordenados que a rendeira executa para produzir cada centímetro de renda.

Os recursos tecnológicos que vêm sendo usados na pesquisa social como complementos ou extensão da observação, a fotografia, o cinema e o VT, por sua vez, também não pareciam capazes de estabelecer uma relação significativa com o objeto a conhecer.

A fotografia, por seu caráter estático, evidentemente não se prestaria para captar uma informação de caráter essencialmente dinâmico.

Quanto à filmagem cinematográfica e em VT, haveria a considerar, como vantagem, a possibilidade de utilização de velocidades menores de projeção, mas haveria, possivelmente como desvantagem, a consequência do uso de tais equipamentos.

Talvez, com eles fosse possível produzir um registro bastante razoável da dinâmica do processo de fazer renda. Mas o seu uso demandaria alguns pré-requisitos, tais como instalações elétricas, nem sempre existentes nas casas das rendeiras, e espaço físico para a instalação de toda a parafernália instrumental.

Em troca da aparente vantagem ficariam às questões: Qual o efeito de tal nível de sofisticação sobre a qualidade dos dados? Supondo que fossem satisfeitos os pré-requisitos de corrente elétrica e espaço físico, já mencionados, a suposição que se impõe é a de que o efeito seria totalmente negativo, já que colocaria a rendeira em uma situação de trabalho totalmente artificial.

Por outro lado, haver-se-ia de esperar que a situação inerte pudesse inibir também as pesquisadoras, considerando que tipo de pessoa que desenvolve o interesse pela renda, ou por cultura popular, de um modo geral, que optou pelo trabalho com gente simples e em comunidades pobres, não tende a ser a pessoa familiarizada com o uso de equipamentos sofisticados e sua manipulação. Assim, o aspecto coloquial da entrevista, que, de um modo geral, está presente também na observação, estaria quebrado pela presença dos especialistas que operariam o equipamento.³

³ Convém lembrar que antes que se generalizasse o uso do gravador portátil como recurso auxiliar da entrevista, usava-se trabalhar com um taquígrafo, para que o pesquisador pudesse se dedicar exclusivamente à condução do conteúdo e que tal procedimento foi definitivamente superado, tão logo um recurso tecnológico veio criar condições para que se eliminasse a presença de uma terceira pessoa que não estivesse diretamente envolvida com a coleta de informação.

Mas, supondo que conviesse correr o risco de efeito negativo do instrumental sobre a qualidade da informação a ser obtida, restaria ainda saber até que ponto o perfeito visual atenderia a todos os requisitos do objeto a conhecer.

Repetimos, a informação que se buscava sobre o processo de fazer renda destinava-se a subsidiar a implantação de um projeto de revitalização da atividade. E, que não estava havendo transmissão intergeracional do processo, nem motivação para fazer renda de almofada.

Constatou então a equipe que o seu objeto a conhecer tinha de fato três dimensões: A primeira referia-se ao processo de fazer renda. A segunda, ao processo de ensinar e fazer renda (ou, como ocorria a transmissão intergeracional da técnica de execução) e, a terceira, que se referia ao armazenamento da informação, até que houvesse condições para que a mesma fosse restituída à comunidade.

E, então, concluiu-se que o único processo capaz de atender às três dimensões do problema era alguém aprender toda a técnica de confecção da renda, registrá-la mediante códigos e posteriormente ensiná-la, quando as condições da comunidade o permitissem.

Convém agora examinar essa opção metodológica à luz das questões que enunciamos no início deste texto.

QUAL O EFEITO DA TÉCNICA SOBRE A QUALIDADE DOS DADOS ?

Aprender a fazer renda seria, no caso, o uso conjunto de alguns recursos da técnica de observação, alguns da técnica da entrevista e, ainda, alguns recursos das técnicas participativas.

A expectativa era a de que a informação fosse consideravelmente mais acurada do que seria a que se obtivesse através de uma dessas três linhas de atuação técnica isoladamente.

Por um lado, a alteração física no contexto da atividade da "rendeira ensinando a fazer renda" seria mínimo. Caberia a cada pesquisadora fazer-se à vontade nas condições domésticas da rendeira.

Por outro lado, a situação de ensino/aprendizagem, o prolongamento da convivência da pesquisadora com a rendeira, em função da confecção da renda, favorecia o contato da pesquisadora com a realidade mais concreta e cotidiana do fazer renda,

porque então estaria em jogo não apenas a sucessão de passos que descrevem o processo mas, sim, o contexto real da vivência de quem produz renda, a linha que se quebra, ou que falta, a interrupção do trabalho porque não houve portador para a sede do município, ou do município vizinho e, porisso não se comprou linha, linhas que se embarçam, o cartão que se desprende da almofada, a conversa que se mantém, sem parar o troca-troca de bilros, o trabalho conjunto da rendeira e da aprendiz, cada uma em sua almofada, e, também, a intensidade da atenção que se dá à aprendiz. Enfim, ao aprender a fazer renda, a pesquisadora aprenderia também o rito de ensinar a fazer renda.

QUAL O EFEITO PRESUMÍVEL E O OCORRIDO SOBRE O DESEMPENHO DO PESQUISADOR ?

Presumiu-se, e ocorreu, que as pesquisadoras chegassem a dominar a técnica de fazer renda, a ponto de decodificá-la e fazer um registro acurado do processo inteiro, passo a passo.

No decorrer do processo inteiro da pesquisa, a motivação inicial das pesquisadoras para resgatar a técnica da produção da renda, como uma das suas atribuições na pesquisa, chegou a se confundir com a sua motivação pessoal para aprender a fazer renda. Todo o grupo das pesquisadoras relatou, posteriormente, o efeito do seu aprendizado transbordado para o ambiente familiar. Assim é que a mãe de uma das pesquisadoras recomeçou a fazer renda, ainda que por mero lazer e as outras duas pesquisadoras passaram a ter duas almofadas, uma no alojamento de Tamandaré e outra na cidade, esta, para reproduzir com familiares o que havia sido aprendido com a rendeira.

Constatou-se que um dos requisitos para um bom registro do processo é que a pesquisadora tenha uma razoável habilidade para o desenho esquemático.

QUAL O EFEITO PRESUMÍVEL E O OCORRIDO SOBRE O DESEMPENHO DO INFORMANTE ?

Convém analisar em conjunto esta e a questão que colocamos anteriormente, referente ao relacionamento desenvolvido entre pesquisador e informante.

Uma nota característica da situação que se estruturava quando a rendeira aceitava a incumbência de ensinar *moças da cidade* a fazer renda era uma aparente inversão de papéis sociais.

No caso da transmissão intergeracional a ascendência reconhecida era da rendeira, por ser mais velha, por dominar a prestigiada arte de fazer renda e por estar no ofício de ensinar que, tradicionalmente, implica em autoridade investida. Já na relação entre rendeira e pesquisadora, esta na condição de aprendiz, poder-se-ia presumir o efeito da ascendência da sua condição urbana sobre a rural e do seu *ter estudo* sobre a fala da instrução formal da rendeira.

Mas, observou-se que na relação entre rendeira e pesquisadoras prevaleceu o papel cultural da rendeira, enquanto mestra e detentora de ascendência sobre a discípula.

A primeira evidência desse fato foi observar que a almofada que a rendeira preparou para as pesquisadoras foi pequena, como as que usava para ensinar às crianças. E que, para ensinar, mantinha com as pesquisadoras a atitude severa, tal como haviam descrito a sua própria experiência de aprender a fazer renda, com a mãe ou com a avó, exceto, naturalmente, quanto à distribuição de cocorotes...

O PRODUTO FINAL DA APRENDIZAGEM DO PROCESSO

Todas as etapas da confecção da renda, tanto da almofada como da singleza, foram aprendidas por três pesquisadoras.

O registro foi feito através de desenhos em que se mostravam as seqüências de movimentos necessários a cada fase do trabalho. O processo assim registrado era submetido à outras pessoas, em geral outras alunas do Curso de Economia Doméstica, que tentavam confeccionar o trabalho a partir do texto e gráficos explicativos.

Sempre que não se conseguia resolver a confecção a partir dos textos e gráficos, as pesquisadoras os refaziam, com as modificações necessárias à plena compreensão e reprodução da informação.

No caso da renda singleza a equipe das pesquisadoras conseguiu resolver todas as dificuldades surgidas nos sucessivos testes do texto e gráficos produzidos, de tal modo que é possível confeccionar a referida renda a partir daqueles roteiros. Attingeu-se, portanto, plenamente o objetivo do trabalho

Já no caso da renda de almofada, os textos e gráficos produzidos mostraram-se suficientes para orientar a execução do giro e troca de bilros para o padrão da renda *cu-de-pinto*, supondo porém a existência prévia do cartão perfurado em tal padrão.

Será necessário todo um trabalho complementar de decoficação e registro da técnica de confecção de outros tipos de renda, bem como das variações que as mudanças de materiais e instrumentos possam introduzir no processo.

Contudo, a experiência desenvolvida permite justificar a aprendizagem do processo como uma técnica adequada ao registro da informação via em pesquisa de artesanato.

ABSTRACT

Projeto Tamandaré run by some of the professors and students of the Department of Human Science of Universidade Federal Rural de Pernambuco, in a fishermen community, had among its purposes to incorage the use of alternative procedures for data collecting and registering. This paper reports one of such alternative procedures and the results obtained through its use.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO A. M. A renda de almofada do Ceará. *Revista Etnográfica*, Porto, 2(1):59-71, jan. 1969.
- BENJAMIN, Roberto & CAVALCANTI, Zaida. Singeleza: uma renda singela. *Folclore*, Recife, (154), jan. 1985.
- BONATELLI, M. J. *As rendas*. Florianópolis, Faculdade Catarinense de Filosofia, 1956. n. p.
- BORBA FILHO, H. Rendeiras. *Diário de Pernambuco*, Recife, 1 out. 1973.
- CAMPOFIORITO, Q. A renda de almofada no folclore e o estudo das rendeiras. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 13 dez. 1963.
- CAMPOS, V. Olé muié rendeira, olé muié rendá. *Diário de Pernambuco*, Recife, 21 nov. 1976.
- CASTRO, Eliane M. A vida social das rendeiras na Ilha de Santa Catarina. *Boletim da Comissão Catarinense de Folclore*, Florianópolis, 15(27/8):59-63, jan. 1963.

- DELOUCHE, A. O artesanato da renda. *Jornal da Universidade do Recife*, Recife, abr. 1973.
- DIEGUES JUNIOR, Manuel. Rendas e rendeiras do Nordeste. *Folclore*, São Paulo, 18(83):5, jan. 1967.
- FONTENELLE, Luís Raposo. Rendas e rendeiras do Arraial do Cabo. *Boletim da Comissão Catarinense de Folclore*, Florianópolis, 11(25/6):69-86, jan. 1959/60.
- GIRÃO, V. Renda do Ceará: contribuição à nomenclatura e classificação. *Revista Brasileira de Folclore*, Rio de Janeiro, 3(6):131-69, maio/ago. 1963a.
- . *Rendas e bordados do Ceará*. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1963b. n. p.
- GUIMARÃES, Reginaldo. A renda de bilros. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 fev. 1957.
- MENDONÇA, M. L. P. Algumas considerações sobre renda e rendeiras do Nordeste. *Boletim de Antropologia*, Fortaleza, 3(1):39-76, dez. 1971.
- OITICICA, Francisco de Paula Leite. A arte da renda no Nordeste. *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, Recife, (15):23-61, 1966.
- . *A arte da renda no Nordeste*. Recife, Museu do Açúcar, 1974. 41 p.
- OLIVEIRA, Marília C. Pereira. As rendas. *Boletim da Comissão Catarinense de Folclore*, Florianópolis, 14(27/8):48-58, jan. 1962/3.
- PEREIRA, J. V. Rendeiras do Nordeste. In: FUNDAÇÃO IBGE. *Tipos e aspectos do Brasil*. Rio de Janeiro, 1975. n. p.
- RAMOS, Luiza e Artur. *A renda de bilros e sua aculturação no Brasil*. Rio de Janeiro, Estudos de Artes Gráficas, 1948. 74 p.
- RIOS, José Arthur et alii. *Artesanato e desenvolvimento; o caso cearense*. Rio de Janeiro, SESI, s. d. n. p.
- SOARES, Doralécio. Do artesanato e sua proteção. *Boletim da Comissão Catarinense de Folclore*, Florianópolis, 3(23/4):163-75, jan. 1957.
- . *Do artesanato e sua proteção, rendas de ilhas de Santa Catarina*. Florianópolis, Ed. Grajaú, 1957/8. n.p.
- SOUZA, Helly Sílvia. *Estória da mulher rendeira*. *Cooperativismo*, Rio de Janeiro, 5(68):15-8, 1963.

Recebido para publicação em 03 de maio de 1985